

# Entrevista com Valditudes de Barros Pinto

*Por Alfredo José Gonçalves, Cs.  
Antenor João Dalla Vecchia, Cs.*

Valditudes de Barros Pinto

Nascimento: Teresinha-PE a 04.09.1957

Estado Civil: Casado, um filho (à época da entrevista)

Migração: saiu de Teresinha-PE a 08.08.1973 para Sta. Ernestina-SP

Depois, a 10.01.74» p/ Dobrada-SP

Trabalho: 10 anos de boia-fria, 4 anos de fiscal de turma, 3 anos de dirigente sindical. Depois foi eleito vice-prefeito de Dobrada-SP.

## NOTA DO EDITOR

A entrevista foi realizada pelos padres Alfredo José Gonçalves, Cs. e Antenor João Dalla Vecchia, Cs., em 19/04/1988, no município de Dobrada-SP. Inicialmente, a entrevista seria publicada no Boletim VAI VEM, à época, editado pelo Centro de Estudos Migratórios (CEM). Mas, assim como a entrevista anterior, devido a sua extensão ultrapassar os limites do VAI VEM, não foi publicada. Em conversa recente com o padre Alfredo Gonçalves sobre os 40 anos da Greve de Guariba – que coincidem com os 40 anos da Pastoral dos Migrantes –, as suas memórias de missionário scalabriniano junto aos trabalhadores migrantes, ele falou-me sobre Valditudes de Barros Pinto, popularmente conhecido como “Ratinho”. Solicitei-a para ler e vi que, a despeito de 36 anos passados da sua realização, ela é muito atual e rica de questões relevantes, seja para os diversos trabalhos da Pastoral dos Migrantes e demais movimentos populares seja para revisar, fundamentar, inspirar novas questões, conceitos e metodologias de pesquisa para as Ciências Sociais.

No que tange à estrutura linguística, de modo geral, mantive a grafia da linguagem do entrevistado, assim como os padres Alfredo e Antenor a mantiveram na transcrição original. Sempre que possível, também mantive a pontuação adotada originalmente. Somente em ocorrências especiais, como erros de datilografia (recurso utilizado à época para a transcrição), ausência

de pontuação no final de frases, sujeito indevidamente separado do verbo etc., intervi aplicando a norma gramatical vigente. Por fim, incluí o nome do entrevistado que não constava no original, e incluí algumas fotografias dele, gentilmente cedidas por sua filha, Alessandra dos Santos Pinto.

*VAI VEM/ Pe. Alfredo/ Pe. Antenor: Por que sua família deixou Pernambuco?*

VALDITÜDES: Saímos pensando numa melhora. A situação lá estava difícil. Aí, meu pai veio para São Paulo. Trabalhou até na Arno. Aí, ele conseguiu um dinheirinho e mandou buscar nós tudo lá. Viemo primeiro pra Santa Ernestina, para uma fazenda de um fulano que conhecia o pai. Ficamo ai seis meses. Mas esse fulano enganou a gente. Ele queria receber o dinheiro que tinha adiantado pras passagens. Depois que a gente deixou a fazenda toda pronta, aí ele queria que a gente pagasse. Foi uma forma de mandar a gente embora. Bem dizer, fomos expulsos dessa fazenda. Viemo então pra Dobrada, entramo a trabalhar de boia-fria na Usina. Todo mundo lá em casa teve essa experiência de trabalhar de boia-fria.

*VAI VEM/ Pe. Alfredo/ Pe. Antenor: E como é essa experiência de trabalhar como boia-fria?*

VALDITÜDES. Quando eu iniciei como boia-fria a gente era muito explorado. Muito mais do que hoje em dia. Você trabalhava na safra um ano, dois... e quando ia embora não tinha mais direito a nada. Ninguém nem sabia dos direitos. Se tinha direitos, o gato pegava tudo pra ele, a gente nem ficava sabendo. Naquela época não tinha ninguém pra orientar o trabalhador, não tinha sindicato. A gente pegava aquele “gaiolão” (caminhão) logo cedo, num frio de endurecer os dedos, não tinha uma condução que prestasse. E antes dessa época, o sofrimento era ainda pior. Isso não quer dizer que hoje tá tudo bom. Mas é que a experiência da gente é muito sofrida mesmo. A gente nem imaginava que tinha direitos. A situação na roça era muito triste: tomava água quente, o fiscal só falava aos gritos, e se mandava embora não tinha direito a nada. O caminhão que puxava a turma era o mesmo que puxava cana. Quando o caminhão quebrava na Usina, a gente ficava na mão. Quase sempre a gente chegava tarde da noite em casa. Olha, tô há onze anos na roça, quase sempre na cana. E nunca tive direito a nada. Os gatos é que ficavam ricos. Conheço deles que hoje tão aí, numa boa. Nas costas de quem? E o patrão também. E eu tô aqui, sem nada.

*VAI VEM/ Pe. Alfredo/ Pe. Antenor: Sua família é migrante. Você também é migrante. Que tal a participação dos migrantes no sindicato?*

VALDITUDES. O migrante tá no sindicato, sim. Os poucos que participa no sindicato é quase tudo migrante, gente que veio de outras banda. Nas greves, aí sim, os migrantes dão uma força muito grande. Não é dizer que eles participam direto no sindicato. Mas quando tem alguma luta, aí eles estão pra valer. O “nortista” dá valor ao sindicato, mas eles dão valor é mais pro caso da assistência médica, dentista, essas coisas. Quando é pra organizar o sindicato, participar das reuniões, a participação é bem mais fraca. Agora, se tem qualquer movimento, aí eles tão junto, chega junto. O trabalhador sente o sindicato como uma força dele. Não cem por cento, mas oitenta por cento sente isso. Eles tão acreditando cada vez mais no sindicato. Quando eles são enganados em seus direitos, eles já sabem que o sindicato é o lugar que tem que vir. E assim o sindicato vai se formando como um ponto de ajuda e de organização do trabalhador. E o migrante tá sempre junto. Bom, Dobrada, a gente sabe, quase tudo é migrante; então no sindicato, também.

*VAI VEM/ Pe. Alfredo/ Pe. Antenor: o migrante procura no sindicato uma assistência médica, etc. ou vê o sindicato como um órgão que defende seus direitos?*

VALDITUDES. Um migrante pra chegar diretamente do norte e procurar o sindicato pra buscar uma força de organização, isso eu não vejo não! Primeiro ele busca uma assistência, depois vem participar de alguma reunião. Aí, quando o patrão quer pisar nele, enganar, ele já sabe que tem que ir atrás do sindicato. Muitas pessoas que chegam novatos, quando eles vão procurar o sindicato é porque já tão enrolado, já entraram em alguma fria. Mas o que a maioria procura mesmo, no começo, é a assistência. Depois eles começa a entrar em contato com os colegas; os colegas falam que o sindicato defende o trabalhador; e aí, então, eles começa a vir atrás do sindicato, mesmo sem ter necessidade de uma assistência. Vêm, como se diz, conhecer sua força. Ou então, quando eles são dispensados de uma firma, são despedidos, aí eles vêm pro sindicato. Se os migrantes chegasse e já procurasse logo o sindicato, a situação era outra. Não dava chance de o patrão roubar eles. Mas o pior é que eles só aparece no sindicato quando não tem mais remédio, quando o patrão já explorou eles à vontade. E aí, o sindicato pode fazer pouca coisa. Agora, ver o sindicato como a força e a organização do trabalhador, isso é pouca gente que vê. Só mesmo se o migrante já tem experiência de outro sindicato. Tiro pela minha família: antes de vir pra cá, a gente nunca tinha visto falar em sindicato.

*VAI VEM/ Pe. Alfredo/ Pe. Antenor: O que o migrante pensa do sindicato?*

VALDITUDES. Eles acha que o sindicato é um órgão que defende o interesse da saúde: médico, dentista, etc. Eles não pensa que o sindicato é um órgão pra defender os direitos trabalhista deles. O que les querem mesmo é a saúde e a assistência. Pouco mais. A maioria é assim. Mas tem deles que vêm de lá pra cá já com uma certa experiência de sindicato, têm uma certa consciência. Tem uns que já conta vantagem de participar do sindicato e vê ele como um órgão que defende o trabalhador. Eu acho que isso, o culpado é a própria estrutura do país. Se o sindicato fosse criado pra defender o trabalhador, a história seria diferente. Mas ele já foi criado pra enganar o trabalhador. E o trabalhador não percebe isso, ele não está ainda no nível de entender o que é mesmo o sindicato. Se hoje tirasse a assistência de dentro do sindicato, pela experiência que eu tenho, ficaria poucos sindicatos de pé. Então é isso que eu digo, o migrante já vem com isso na cabeça, desde muito tempo.

*VAI VEM/ Pe. Alfredo/ Pe. Antenor: Nessa situação, qual o papel da Pastoral Migratória? Ela pode ajudar o trabalhador a se aproximar do sindicato?*

VALDITUDES. Sim, pode. Só que não sei se o melhor lugar pra fazer isso é aqui, aonde o trabalhador chega. Mas, por exemplo, de onde ele sai: fazer lá um trabalho de base, mostrar qual é o verdadeiro objetivo do sindicato. Porque lá, a situação de trabalho é outra: cada um vive pra si, o trabalhador é mais autônomo, cada qual na sua terra. A vida do assalariado de São Paulo e a vida do assalariado do “norte” é muito diferente. Quando o trabalhador vem de lá pra cá, a situação é muito diferente. Então, um trabalho que mostrasse essas diferenças, que mostrasse os direitos que todo trabalhador tem, aí quando ele chegava aqui já vinha bem preparado pra entrar no sindicato. E não ia ser fácil enrolar ele. O papel da Pastoral Migratória, então, eu acho, é preparar a consciência do trabalhador sobre qual é a força do sindicato, a força do trabalhador. Aqui em São Paulo, na base, até que o sindicato faz isso junto com a pastoral. O problema é quando o pessoal vem de lá pra cá. Neste sentido, a pastoral poderia organizar encontros, visitas etc. no local de origem. Até a gente já tem feito isso. Esse ano mesmo, e os anos passados, a gente tem ido pra Minas, Bahia. Se o trabalhador vem preparado, fica mais vivo, não se deixa enganar pelo gato e pelo patrão. Qualquer coisa, ele procura o sindicato. Porque quando o pessoal na chegada já procura o sindicato, aí o trabalho fica bem mais fácil. O melhor seria que logo na chegada o migrante já fosse atrás do sindicato. Quando a gente tem que ir atrás, é bem mais difícil.

*VAI VEM/ Pe. Alfredo/ Pe. Antenor: Qual a importância de o sindicato e a pastoral atuarem em conjunto?*

VALDITUDES. Quando o sindicato conta com uma entidade pra ajudar na defesa dos direitos do trabalhador, mais força tem o sindicato. Se a gente for ver o avanço da luta sindical nos dias de hoje, muita coisa se deve ao apoio da igreja. Trabalhar isolado, o sindicato não vai. Quando tem mais gente ao lado, trabalhando junto, a coisa anda melhor, é importante a igreja estar junto com o sindicato porque o trabalhador tem muita fé, tá grudado no Evangelho. E isso ajuda muito o trabalho. Eu falo por mim mesmo: a minha experiência se deu através da participação na comunidade, a partir do Evangelho. Muita gente não passou por isso, e hoje acaba pensando só em si; logo, logo tá do lado do patrão, vira pelego. Acho que o Evangelho dá uma confiança maior ao trabalhador. Aqui em Dobrada mesmo, a pastoral tem ajudado muito: tanto o SPM como a CPT e outras têm dado muito apoio. Em todas as lutas, a igreja sempre tem estado junto, lembra das graves? E então! Acho que a Palavra de Deus é uma força, uma luz em nosso caminho, na luta do trabalhador.

*VAI VEM/ Pe. Alfredo/ Pe. Antenor: Como presidente do Sindicato, conta um pouco de sua experiência!*

VALDITUDES. O que eu vejo é que a primeira coisa negativa do sindicato é essa assistência. Isso engana o trabalhador. Tá certo que ajuda pra chamar ele, mas muitas vezes não passa disso. Então eu vejo que isso é muito errado. Minha experiência com o trabalhador é que ele usa o sindicato como um “quebra-galho”. Você atende, pronto, ele não procura mais o sindicato. Só lembra na hora da necessidade, depois não aparece mais. Eu acho que é o próprio patrão e o sistema que coloca isso na cabeça dele. O sindicato vira uma espécie de “pronto-socorro”. O trabalhador dá pouca força ao sindicato, não vê o sindicato como dele, só vai lá buscar favores. Isso desanima muito o dirigente sindical, faz a gente desacreditar da luta. Mas, por outro lado, algumas pessoas são firmes e são conscientes. E isso é um incentivo na caminhada. E também a gente tem algumas experiências que mostram que o sindicato é uma força de verdade. É o caso, por exemplo, das greves. Aí, o trabalhador participa em peso e dá força. Aí, a gente sente o poder da organização. E hoje, olhando a nossa região de Ribeirão Preto, a gente nota muita melhoria nas condições de trabalho, de corte de cana, nos acordos, na assistência, nos direitos do trabalhador. E tudo isso é uma vitória do sindicato. O difícil é que o trabalhador muitas vezes não reconhece isso. Prefere acreditar nas migalhas que o patrão dá de vez em quando. Deste jeito, não sente toda força do sindicato.

*VAI VEM/ Pe. Alfredo/ Pe. Antenor: E a migração hoje em Dobrada, muita gente chegando?*

VALDITUDES. Sim, bastante. Tem muito barraco lotado de “nortista”. Tem lote com 10, 12 barracos. Tem muito cortiço, pensão, tudo cheio de migrante. E tem gente que vive só de pensão de migrante. É só fazer quartos, que enche logo. Conheço um terreno, ali embaixo, que tem 13 barracos. Dobrada é pequena, mas tá chegando muita gente. Vem muito trabalhador sozinho, solteiro; mas vem também muita família inteira. Vem sortido: família e gente solteira. O maior número é de famílias. Eles chegam aqui na miséria. Chega sem ter uma cama pra dormir, sem ter um leite pro filho, sem ter onde morar. Aí, corre de um canto pra outro, muita gente se aproveita da situação, cobra caro o aluguel. O migrante corre na igreja, corre na prefeitura, corre no sindicato, buscando socorro. Mas quem é que pode ajudar? Tem deles aí que chegaram há 2, 3 meses e ainda não conseguiram emprego, tão sofrendo por aí, sem ter onde cair morto. E este ano as coisas tão ainda pior. Há muito desemprego. Quem já é daqui tá parado. Imagina quem tá chegando! O futuro tá fraco pra migrante que tá chegando. Tem gente que começa a tomar pinga, uns tão pedindo ajuda pra poder voltar, outros tão vivendo de esmola. Peão tá numa pior aqui. Muitos já vêm de outra cidade. Chega, encontra tudo fechado e vão adiante. Vive mesmo é na estrada.

*VAI VEM/ Pe. Alfredo/ Pe. Antenor: O que o presidente do Sindicato tem a dizer ao povo lá do “norte”?*

VALDITUDES. Primeiro, saber bem da realidade daqui, pra então se deslocar pra cá. Não pode se fiar na conversa de outras pessoas. Descobrir com gente de confiança como é a situação daqui. Podia pedir informações no sindicato, na comunidade, antes de vir pra cá. Porque o trabalhador que vem pra cá, mesmo sem querer, estraga a vida dele e estraga a vida de quem tá aqui. Eu sei que lá a situação é dura, talvez mais difícil do que aqui. Mas na minha experiência eu digo: pior por pior, onde a pessoa nasceu é sempre a terra natal. Aqui tem criança se alimentando de “papa-d’água” (água com farinha). Então, a pessoa devia se informar direito. Tem gente que pega um dinheirinho e se manda por aí afora. Mesmo aqui, tem gente que pede a conta pra ir todo ano pro norte. Quando chega aqui, a coisa é outra. Muita gente vem de ilusão; acha que já que vem, vem pra um lugar definitivo, não ficar andando pra lá e pra cá, na ilusão de que vai melhorar. Hoje, no Brasil, todo lugar é ruim pra migrante. O jeito é aguentar firme onde tá. Migrar é necessário, a pessoa sai pra caçar melhora. Só que tem de saber o que tá fazendo, não adianta sair pra aumentar o sofrimento.

*VAI VEM/ Pe. Alfredo/ Pe. Antenor: Como tem sido a participação da mulher no sindicato?*

VALDITUDES. É boa, muito boa. A gente pode até dizer que o sindicato começou com as mulheres. Aqui em Dobrada, as mulheres têm dado uma força muito grande. Esses dias mesmo, você deve ter ouvido falar daquele grupo de mulheres que se organizou e fez um movimento na prefeitura. O pessoal foi valente. Também nas greves, as mulheres sempre foram uma força. Aqui já teve uma diretoria, no sindicato, quase só de mulher. Mulher tá na luta pra valer.

*VAI VEM/ Pe. Alfredo/ Pe. Antenor: Reforma Agrária e Migração, o que tem a ver uma coisa com a outra?*

VALDITUDES. Eu penso que a Reforma Agrária seria uma coisa muito importante, principalmente para o problema da migração. O migrante é gente da terra, que foi expulsa, que teve de sair por pressão de outros.

Mas com a Reforma Agrária, cinquenta por cento da migração diminui. Mas a Reforma Agrária é uma coisa que não vem de cima, feito chuva, ela tem de ser uma conquista do trabalhador. O migrante tem de estar junto com o sindicato e as entidades pra lutar pela terra. Procurar áreas de terra que tá vazia e entrar nela. Em vez de ficar sempre andando pra cá e pra lá, caça um pedaço de terra improdutivo e toma ele na luta, na organização. Só que o migrante que chega, falar em ocupação de terra, ele se assusta. Precisa uma grande preparação pra entrar na luta. Mas o migrante, em suas andanças, traz experiência que pode ajudar na luta. A própria revolta que ele sente, de tanto ser expulso, pode ajudar na luta. A própria revolta, muita vez, ajuda a pessoa. A Reforma Agrária é o único jeito pra diminuir um pouco essa migração. Se tivesse terra, o fulano não saía à caça de melhora. Pelo menos, acho que não saía tanta gente. E a Reforma Agrária ajuda também o assalariado. E muito! Porque sobra mais emprego pros outros, menos pressão na cidade. O trabalhador teria mais condições de exigir. O patrão ia depender mais do trabalhador. Se houvesse uma Reforma Agrária de fato, muita gente voltava pra terra. Aquele que ficasse teria condições de falar mais grosso com o patrão. Uma outra coisa é que a Reforma Agrária ia melhorar no custo de vida, alimentos mais baratos porque ia ter mais gente produzindo.

*VAI VEM/ Pe. Alfredo/ Pe. Antenor: Quais os avanços que você percebe na luta do sindicato?*

VALDITUDES. A luta avança muito no campo. Basta ver que o patrão já não pode pisar tanto no peão, já não faz o que quer. O trabalhador sabe a força que tem. De uns anos pra cá, isso vem crescendo, que nem planta



boa, devagar mas seguro. O trabalhador está mais consciente. Há também muitas entidades ajudando, como a igreja. Quando a igreja se coloca do lado do trabalhador, é uma força muito grande, porque o trabalhador tem muita fé, conta muito com a igreja. Hoje dá pra gente sentir uma melhora na organização. Tá certo, muita coisa ainda tá fraca, mas a força vem vindo, é só ver...

Dobrada-SP, 19\*04.88

## GALERIA DE RETRATOS

**Figura 1** – Valditudes de Barros Pinto em sua casa. Foto: Acervo pessoal de Alessandra Dos Santos Pinto, sua filha. Gentilmente cedida.





**Figura 2** - Valditudes de Barros Pinto com camiseta do MST e colegas do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Foto: Acervo pessoal de Alessandra Dos Santos Pinto, sua filha. Gentilmente cedida.



**Figura 3** – Valditudes de Barros Pinto como vice-prefeito de Dobrada-SP. Foto: Acervo pessoal de Alessandra Dos Santos Pinto, sua filha. Gentilmente cedida.



